
A REPRESENTAÇÃO DAS IDENTIDADES NO CONTO “O HOMEM QUE SABIA JAVANÊS” DE LIMA BARRETO

Tânia Maria Dantas Flores – IFBA - Campus Santo Amaro
taniaflores@ifba.edu.br

RESUMO: Este trabalho propõe-se a analisar o conto intitulado “O homem que sabia javanês” da coletânea *Os bruzundangas*, de Lima Barreto, o qual será abordado em uma perspectiva dos Estudos Culturais a partir das reflexões de Stuart Hall e Jonathan Culler, no tocante à representação das identidades na pós-modernidade, que está sendo extensamente discutida na teoria social. Buscamos demonstrar relações de verossimilhança entre o processo de construção/desconstrução da identidade do personagem Castelo no seu processo de ascensão social e a realidade brasileira para comprovar não só as teorias, mas também a atualidade do autor e do tema.

Palavras-chave: Identidade; Cultura; Ascensão social.

INTRODUÇÃO

Embora condenado a um exílio literário - viver aquém das demarcações fronteiriças da intelectualidade de seu tempo - seja pelo discurso da crítica ou pelo discurso do silêncio da mídia, Lima Barreto deixou uma produção literária bastante significativa para a Literatura Brasileira.

Reconhecido como obra-prima no gênero, o conto “*O homem que sabia javanês*”, fruto das tensões e dissonâncias entre Lima Barreto e o campo intelectual de sua época, constitui-se, sobretudo, num instrumento de denúncia e contestação dos “padrões literários” daquele momento, através do qual o autor denuncia, enquanto desmascara, a literatura e o jornalismo de favores e apadrinhamentos, ao revelar o processo de construção da identidade do personagem Castelo, protagonista do conto, cujo objetivo era ultrapassar as fronteiras sociais – e intelectuais – utilizando como artifício um falso saber, o jogo das palavras - como instrumento de persuasão e poder - e uma identidade de aparências para corresponder ao modo como a elite o interpelava social e culturalmente. Um anúncio no jornal convocando um professor de Javanês para ministrar algumas aulas particulares interessou Castelo que, embora não soubesse o idioma, sabia que o aluno também não o sabia, bastando, portanto, um pouco de criatividade para ganhar um dinheiro fácil. Castelo passa em uma biblioteca, consulta uma enciclopédia e coleta algumas informações sobre Java e sobre o alfabeto lá utilizado. O barão, velho e doente, desejava aprender javanês para ler um livro

que lhe fora deixado pelo pai, a quem prometera ler antes de morrer, da mesma forma que seu pai também houvera prometido ao pai dele, tendo, porém, deixado de cumprir. O livro traria a quem o lesse os segredos da felicidade. Com a voz embargada e os olhos banhados em lágrimas, o Barão faz este relato, mas, nem assim Castelo deixa de lado a idéia de ensinar-lhe o que não sabia, em clara despreocupação com o outro.

Ao fim de alguns dias, o Barão desiste de aprender javanês e pede a Castelo que leia o livro para ele, pois não estaria, assim, deixando de cumprir a promessa feita ao pai. O narrador – dotado de uma fértil imaginação - inventava histórias que encantavam o velhote, o qual o cobria de presentes, aumentava o salário, enfim, iludia-se cada vez mais com a capacidade de Castelo.

O Barão indicou Castelo para a Diplomacia, onde foi recebido com louvor e admiração, logo conquistou fama de “grande sábio”. O fato é que acabou sendo designado a participar de um congresso de Linguística e começou a publicar artigos sobre a literatura javanesa em revistas e jornais do Brasil e da Europa, sempre com grande êxito - embora tudo copiasse de artigos e revistas. Continuou sua carreira diplomática recebendo homenagens, até mesmo do Presidente da República, que também se rendeu aos conhecimentos do gênio notável. A grande relevância do conto reside na crítica à falsa sabedoria, e até mesmo à sabedoria inútil, aquela que é dominada e cultivada por uma meia dúzia de “sábios” que não a partilha com mais ninguém, comunicando-se em uma língua que

somente eles dominam.

Uma análise sociológica da relação do sujeito com as chamadas *culturas de fronteiras*, considerando principalmente a cultura objetiva contemporânea, cuja maior característica é definir distâncias e demarcar fronteiras – inclusão x exclusão – requer a investigação e entendimento das estratégias adotadas pelo sujeito para conseguir distinção social, a fim de entendermos porque as fronteiras e as identidades não são nunca estanques, e os critérios da sua definição variam a cada instante, de modo a ajustar permanentemente o que está aquém e além dessa demarcação. Para J. Culler, *"Estudar cultura é compreender seu funcionamento, isto é, como as produções culturais operam e como as identidades culturais são construídas e organizadas, para indivíduos e grupos"*. (1999, p. 49). Analisar as práticas culturais implica identificar as convenções subjacentes e suas implicações sociais.

O JOGO DAS IDENTIDADES

No conto *O homem que sabia Javanês*, o autor constroi, com admirável criatividade e maestria, um personagem polivalente: o Castelo, uma representação fiel do típico brasileiro que sabe "se virar" e sempre "dá um jeitinho" para tudo. Com um grande dom para usar a palavra como instrumento de persuasão, é também dotado de uma imaginação privilegiada.

O conto, além de constituir-se num relato satírico, é, ainda, uma medida exemplar do talento de Lima Barreto e da sua modernidade. Embora a obra tenha sido publicada pela primeira vez em 1911, pela *Gazeta da Tarde*, o tema continua atualíssimo, e o conto nos fornece elementos suficientes para uma análise tanto da cultura quanto da construção das identidades culturais diante das fronteiras sociais.

Segundo Roland Barthes, "A segunda força da Literatura é sua força de representação. Desde os tempos antigos até as tentativas de vanguarda, a Literatura se afaina na representação de alguma coisa. O que? Direi brutalmente: o Real!" (1978, p. 22).

Os discursos e palavreados específicos de determinadas classes, com as quais a sociedade convive, embora lhe sejam estranhos, assumem um caráter de sabedoria e cultura não só incontestáveis, mas valorizados e

acatados como portadores de verdades absolutas. É o caso do palavreado médico, da complicada língua usada pelos economistas, pelos profissionais da informática, a fala difícil dos políticos, a qual muita gente não entende, mas respeita, principalmente porque não entende. É esse acatamento estúpido a esse saber exótico que Lima Barreto satiriza e desvela diante do leitor.

Terry Eagleton, em relação a essas vozes e a esses discursos "de autoridade" que são constituídos por um truncado jogo dos signos, afirma que "Essa significação não permanece exatamente a mesma de contexto a contexto: o significado será modificado pelas várias cadeias de significantes nas quais ele está inserido". (1983, p. 139) E pelos interlocutores que participam desse "jogo comunicativo" e constitutivo da cultura. (grifo nosso).

Embora exista uma classe pensante, que consegue analisar criticamente esses discursos, é neutralizada pela sensação de impotência diante dos diversos vieses da ascensão e estruturação do poder. A ascensão e glória de Castelo desmascaram a artificialidade de alguns intelectuais, o favoritismo e apadrinhamentos, a supervalorização social dos títulos num país de supostos "doutores". Essas são questões contemporâneas que *re[a]presentam* uma faceta da identidade do Brasil e do brasileiro, cuja vocação para o improvisado, para o oportunismo dos pseudo-intelectuais compõe a chamada "identidade nacional" no país em que a desordem é legitimada por uma camuflagem de ordem em que apenas as aparências importam.

Stuart Hall (1999) reflete sobre o ideário da nação, lembrando que as identidades nacionais não estão incutidas nos genes dos seres humanos, e qualquer noção de pertencimento a uma cultura, a uma comunidade ou a uma região, vem acompanhada de um conjunto de significados que é atribuído como representação de um sentimento nacionalista (de uma "brasilidade", de uma "baianidade", por exemplo).

A desordem sabota a ordem social pela política dos favores, pelo protecionismo e reverência a títulos que, por si só, são suficientes para garantir status. O saber, para a ascensão social, talvez não seja tão importante quanto as relações com pessoas influentes. Forjar uma imagem que permita ao sujeito ultrapassar as fronteiras do poder

importa mais que um saber verdadeiro. Hall (1999, p. 51) afirma ainda que "No mundo moderno, as culturas nacionais em que nascemos se constituem em uma das principais fontes de identidade cultural."

A construção do sujeito *Castelo*, portanto, é fruto desta cultura predominante no meio sociocultural em que está inserido, onde a desordem transfigura-se numa espécie de ordem, fazendo com que a "outra" pareça ingênua, ineficiente e ultrapassada no tocante à "nova ordem sociocultural".

Partindo-se do princípio de que a palavra, desde os primórdios, é o instrumento mais poderoso para o domínio de um ser sobre outro, virtude exclusiva do homem, nota-se o quanto Castelo era capaz de envolver, ou melhor, manter sob seu domínio todos aqueles que poderiam servir de degrau na sua escalada de ascensão ao poder." ...*Mas compus umas histórias bem tolas e impigi-as ao velhote como sendo do crônicon. Como ele ouvia aquelas bobagens!...*"

Castelo nos revela o quanto é fácil penetrar na "nata" da sociedade quando se tem talento oracional e paciência para embromar os outros; utilizando sabiamente, para esse fim, as palavras na hora certa, de modo certo e para a pessoa certa. De acordo com Barthes, "O poder é o parasita de um organismo trans-social, ligado à história inteira do homem, e não só à sua história política, histórica. Esse objeto em que se inscreve o poder, desde toda eternidade humana, é a linguagem." (1979, p.12)

O sujeito, segundo Barthes, é escravo e prisioneiro da linguagem. É este artifício que faz com que, no Brasil, haja tantos políticos ocupando cargos públicos de alto escalão, sem nenhuma bagagem intelectual; apenas por saberem um jogo de cintura no uso das palavras para construir um discurso nem sempre inteligível, mas sedutor. E, por isso, são considerados detentores de um saber, competentes e dignos dos cargos que ocupam.

O narrador-personagem, Castelo, conta sua história em uma confeitaria no Rio de Janeiro. É nesse espaço que ele nos dá a exata dimensão das fronteiras sociais que, em sua trajetória, consegue romper através da construção de uma identidade correspondente às identidades que compõem as paisagens sociais do fechado mundo do Barão. Esse sujeito construído assegurava sua con-

formidade com a cultura que pretendia penetrar. A configuração das identidades apresenta reflexos do momento histórico e do modelo de sociedade nos quais está inscrita, já que as identidades são desconstruídas, estabelecidas e negadas através das relações sociais, culturais, políticas, econômicas e históricas. A identidade é, portanto, um processo, e não um fenômeno fixo, estanque. De acordo com Hall,

Esse processo produz o sujeito pós-moderno, conceptualizado como não tendo uma identidade fixa, essencial ou permanente. A identidade torna-se uma "celebração móvel": formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam. É definida historicamente, e não biologicamente. (HALL, 1999, p. 13)

O personagem Castelo caracteriza-se, assim, como "sujeito pós-moderno". A adequação da sua identidade ao momento, à situação e ao meio social que deseja penetrar revela não só o senso de oportunidade do personagem, mas de que forma o sistema cultural lhe oportuniza essa "identidade camaleão".

O narrador não se mostra, não se revela. Tudo o que sabemos é que sua formação foi forjada na escola da malandragem das ruas do Rio de Janeiro; que vivia de "bicos e cambalachos" e, por isso, nem sequer pensava na possibilidade de uma vida "normal", com trabalho regular, horários e compromissos, enfim, sem liberdade. Seu universo, até conhecer o Barão, era o dos bondes lotados, das ruas, dos pagamentos atrasados. De acordo com Culler (1999, p. 51), "Os estudos culturais indagam em que medida somos manipulados pelas formas culturais e em que medida ou de que maneira somos capazes de usá-las para outros propósitos."

Acostumado a levar vantagem em tudo, por ser obrigado a "se virar", Castelo não tem escrúpulos e não sente culpa por enganar e mentir para atingir seus objetivos: penetrar o fechado mundo do Barão e fazer parte da "elite" cultural para conseguir, também, vantagens econômicas e sociais.

Todavia, na há triunfo da malandragem se não existirem os ingênuos e tolos. É desse modo que a privilegiada classe social do Barão de Jacuecanga e ele próprio protagonizam esse papel. O Barão, aluno de Javanês, estava preocupado somente em as-

segurar a prosperidade de sua descendência, através do cumprimento do desejo do pai do seu pai. Seu interesse pelo javanês é apenas superficial e, apesar do título e posição social, deixa-se enredar pelas mentiras de Castelo e se embevece com seu "saber", ajudando a construir a imagem de um intelectual sério, sábio admirável e digno de todo respeito.

Castelo, por sua vez, divertia-se com a ignorância da nata poderosa e narrava os fatos ao amigo em tom debochado, como se tudo não tivesse passado de uma grande piada: "*O marido de Dona Maria da Glória (assim se chamava a filha do Barão) era desembargador, homem relacionado e poderoso, mas não se pejava em mostrar diante de todo o mundo a sua admiração pelo meu javanês.*" (p. 60)

Além da boa fé dos outros, da esperança e da capacidade de usar a linguagem e o suposto saber como forma de dominação e instrumento de navegação social, Castelo conta ainda com a sorte para livrar-se de situações perigosas em que teria que "provar seus conhecimentos". É o caso do marujo javanês a quem ele quase teve de servir de intérprete, no último momento, o Cônsul holandês impede que ele seja desmascarado. É também o caso do "Congresso de Sábios" em que representou o Brasil e, por engano, foi mandado para a seção de tupi-guarani, sendo poupado de ter que provar seus conhecimentos de javanês. Castelo ainda demonstra um extremo senso de oportunismo e tira maior proveito da situação: volta consagrado pelos artigos publicados em jornais europeus e pelo banquete que lhe foi *oferecido* em Paris (tudo pago por ele mesmo).

Eis a ilustração da cultura das aparências, predominante na sociedade que, em lugar de questionar para perceber outros sentidos por trás das imagens, atribui valor ao que foge à sua compreensão. Esta atitude de "aceitação admirável" favorece a proliferação dos *Castelos* que sabem tirar proveito da desordem mascarada de ordem.

Desta forma, a afirmação de Hall (1999, p. 09) "As culturas nacionais, ao produzir sentidos sobre "a nação", sentidos com os quais podemos nos identificar, constroem identidades", justifica, em grande medida, a capacidade que o personagem possui de fantasiar a realidade, construindo uma identidade que corresponda a esse "novo contexto social", uma vez que a sua identidade – a outra face do que ele "apa-

rentava" não ser - não poderia conduzi-lo para dentro das fronteiras do poder.

Há um grande jogo de críticas irônicas que costura sentidos de um homem que diz saber, mas não sabe. Ele se constroi à beira de um exercício de poder, enveredando por fronteiras que ele rompe apenas por *dizer saber* uma língua de difícil domínio. Toda a sabedoria dos sábios não serve sequer para desmascarar um impostor espertalhão. Tanto o Barão quanto o Visconde de Caruru, que colocam Castelo na carreira diplomática, enquadram-se naquilo que Lima Barreto chama de "As escoras Sabichonas", ou seja, gente poderosa e rica, mas ignorante e estúpida. O golpe do narrador, além de ridicularizar todos os que acreditaram nele, configura-os como caricaturas grotescas da ingenuidade e da estupidez. Ainda segundo Hall,

O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um "eu" coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas. Se sentimos que temos uma identidade unificada desde o nascimento até a morte é apenas porque construímos uma cômoda estória sobre nós mesmos ou uma confortadora "narrativa do eu". A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. (1999, p. 09)

Assim, Castelo desconstrói a si mesmo dizendo realmente quem é, negando aquela identidade de construtos de imagens estereotipadas naquela sociedade em que o sujeito é a imagem que o "outro" tem – ou quer ter – dele, a qual baseia-se nas aparências superficiais. O que caracteriza o deslocamento ou descentração do sujeito.

A linguagem do texto é marcada pelo tom de deboche da narração, com construções sintáticas simples, gírias e expressões do cotidiano, acrescidas do humor satírico do narrador. Tais ingredientes transformam o conto numa espécie de simples crônica carioca. Provavelmente, esse tenha sido o sentido realmente pretendido pelo autor.

Com a história de Castelo, Lima Barreto nos apresenta uma sociedade pouco preocupada com inteligências legítimas e sinceras, em que o reconhecimento social não mantém estreita relação com talentos e verdades. Por isso, Castelo narra tranqüila e humoristicamente seu grande golpe, sem culpas, e até ri daqueles que o levaram à confortável glória.

Ele não criou a política de favores nem forjou a ignorância e a ingenuidade, apenas aprendeu a utilizá-las como instrumentos de manipulação, em proveito próprio. Assim ganhou visibilidade, prestígio e respeito.

Carlos Heitor Cony e Angeli publicaram um livro intitulado *O presidente que sabia javanês*, o qual reúne crônicas e charges publicadas entre 1994 e 2000, e enfoca o período de governo de Fernando Henrique Cardoso. O livro é um retrato desses anos de rápidas mudanças, em que, segundo Cony, o país caiu definitivamente nas telas da globalização e regrediu ao estágio de colônia. Essa relação entre as obras presentifica a narrativa e atualiza o conto de Lima Barreto. *Já no início da obra, o autor afirma:*

«FHC lembra aquele homem que sabia javanês do conto de Lima Barreto. Precisavam de alguém que soubesse javanês, o cidadão apresentou-se e foi aceito. Como ninguém sabia javanês, ele ganhou fama e espaço na mídia: era o homem que sabia javanês e pronto. Comia de graça as empadinhas de camarão na Colombo, era recebido nos salões, dava palpites sobre qualquer assunto. De um homem que sabe javanês esperam-se coisas formidáveis [...] A única diferença entre Fernando Henrique Cardoso e o personagem do conto é que o homem que sabia javanês sabia que não sabia javanês. FHC é o primeiro a acreditar que sabe javanês". (CONY, 2000, p. 03).

As representações literárias não são neutras e nem meras criações fictícias. Uma vez que a literatura é a re[a]presentação do real, elas encarnam *textualmente* a cultura das quais emergem. Assim, *O homem que sabia javanês* constitui-se numa áspera e dura crítica aos políticos, à ostentação, ao vazio intelectual e à incompetência – denúncias que, lamentavelmente, permanecem atuais.

Desde criancinha, o presidente sabe que o povo brasileiro precisa de educação, saúde, casa, trabalho e segurança. Num momento de insanidade eleitoral, prometeu tudo isso, - fingiu saber javanês - (*grifo nosso*) mas pediu que esquecessem. Chegará o dia em que pedirá o esquecimento do esquecimento. Não precisaria nem pedir: será esquecido mesmo. Ou lembrado como simples aventureiro do poder. (CONY, 2000, p. 188).

Instaura-se, assim, através deste diálogo intertextual, a verossimilhança entre o Castelo, do conto de Lima Barreto, e o personagem Fernando Henrique Cardoso, das

crônicas de Carlos Heitor Cony, Ambos usaram estratégias semelhantes para transpor fronteiras e conseguir ascensão social. Os dois personagens são abordados como um meio de representação cultural que se constroi sobre os diversos momentos e aspectos da realidade sócio-cultural e como práticas de significação, processos que constroem a posição do sujeito social (eu e o outro) e a identidade cultural dentro de um determinado contexto e a partir de determinados valores que estruturam a sociedade.

CONCLUSÃO

Toda sociedade humana tem seus próprios valores, seus próprios sentidos construídos a partir de uma ordem – ou desordem – social estabelecida, principalmente, através da cultura, cuja manifestação é identificada pelos comportamentos e pelas regras que regem seu funcionamento e, ao mesmo tempo, determinam suas fronteiras.

Dentro do contexto do conto, o sujeito Castelo é obrigado a "*jogar o jogo das identidades*" para conquistar visibilidade através de relações com o poder do tecido social, a fim de ultrapassar as demarcações sociais que, embora ideológicas, assumem um acentuado caráter de concretude para barrar os "marginais".

Para Lima Barreto, o tema constitui-se quase uma causa. A sua posição no grupo intelectual do Rio de Janeiro foi duramente marcada pelas demarcações fronteiriças e por constantes conflitos e dissonâncias em relação ao pensamento acadêmico oficial, tanto no que se refere à sua produção literária, quanto à questão do julgamento crítico, o que *sofreu* em função de sua obra – e o que ele realizou ao julgar e criticar a produção intelectual de sua época. Vê-se, portanto, marginalizado pela crítica literária oficial que simplesmente silencia ignorando sua obra, ou a marginaliza ao classificá-la como não-literária, a partir da perspectiva conceitual predominante sobre "literariedade", a qual privilegiava o culto e o rigor formal.

Lima Barreto, entretanto, concebia Literatura também como instrumento de denúncia e transformação sociais, o que não atendia aos padrões estéticos e temáticos da época. Autores como Coelho Neto, Afrânio Peixoto, Olavo Bilac e outros, naquele mesmo período, produziam obras valorizadas por serem porta-vozes do ideário dominante,

mas que escamoteavam uma realidade social dura e triste, com tensões e conflitos de toda ordem.

Assim, ao nos apresentar Castelo construindo a sua própria identidade movente, Lima Barreto mostra, de forma demolidora, o que pensa da intelectualidade de seu tempo – e do nosso – e de como agem os letrados vitoriosos.

Observou-se, por intermédio do conto, como os sistemas culturais exercem papel determinante na questão identitária do sujeito, visto que a identidade não é única e fixa, mas multifacetada e constantemente transformada de acordo com as representações que nossos papéis – enquanto atores sociais – exigem.

Para Culler,

As obras são feitas a partir de outras obras, tornadas possíveis pelas obras anteriores que elas retomam. Essa noção é, às vezes, conhecida como intertextualidade [...] uma obra existe em meio a outros textos, através de suas relações com eles (1999, p.40)

Carlos Heitor Cony, ao retomar o personagem Castelo do conto de Lima Barreto para estabelecer uma comparação com o ex-presidente Fernando H. Cardoso, demonstra-nos, entre muitas coisas, a modernidade do autor e atualidade do tema, além de evidenciar a semelhança entre os processos de construção das identidades dos personagens, como também da sua desconstrução. Resgata-se, assim, a grande contribuição da obra desse autor que insistiu em ignorar o conceito de Literatura como "beleza, rigor formal e estético" e comprometeu-se com uma literatura mais engajada, voltada para a realidade do brasileiro, para o sofrimento e discriminação das minorias massacradas por um sistema que legitima a "diferença" como sinônimo de "inferioridade". É esse discurso autoritário que o autor contesta, e, no conto, esvazia seu conteúdo e desmascara, de forma bastante contundente, as suas "verdades".

Lima Barreto preferiu usar a arte como forma de contestação, daí a sua concepção acerca do papel da Literatura. Condenado à margem, é desse lugar que lança o seu discurso. De fora, questiona, critica e busca desmascarar "o dentro". Mas, se quem fala é um excluído, e fala a partir da margem, o seu discurso fica, em grande medida, comprometido e não encontra eco. Seu personagem

Castelo, entretanto, adota uma estratégia de penetração. Finge ser o que não é para desmascarar os que se dizem ser. É de dentro que ele revela os "falsos valores" que regem aquela sociedade; as inteligências ingênuas e tolas e uma intelectualidade de meras aparências, pompas e incompetência para perceber o grande engodo que era "o grande sábio" que sabia falar javanês.

No âmbito do real, Lima Barreto, por orgulho, ou mesmo em decorrência do seu caráter, obriga-se a uma identidade fixa, imutável. Por isso, em vida, viveu excluído da comunidade intelectual. Somente tempos após a sua morte, através das releituras de suas obras, seu valor literário foi reconhecido.

Já no âmbito da ficção, através do Castelo, ele ultrapassou as demarcações fronteiriças, e seu discurso obteve eco. O princípio da verossimilhança obriga o leitor a acatar os pressupostos do conto a partir da realidade vivida, da percepção das estreitas relações entre o "Castelo" de Lima Barreto e os tantos "Castelos" da nossa sociedade. As crônicas de Carlos Heitor Cony, nesse sentido, são bastante ilustrativas.

REFERÊNCIAS

- BARRETO, A. H. de Lima. **Os Bruzundangas** (sátira), Rio, editora (?), 1922;.
- BARTHES, Roland. **AULA**. São Paulo: ed. Cultrix, 1978.
- CONY, CARLOS HEITOR; ANGELI. **O presidente que sabia Javanês**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Boitempo Editorial, 2001.
- CULLER, Jonathan. **Teoria Literária: uma introdução**. São Paulo: Beca, 1999.
- EAGLETON, Terry. **Teoria da Literatura: uma introdução**. São Paulo: Martins Fontes, 1983.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DPCA, 1999.
- SANTIAGO, Silviano. **Uma Literatura nos trópicos**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.
- www.boitempo.com/resenhas/presidente.htm